



STEGMAIER, Werner. **As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche**. Organização de Jorge Luiz Viesenteiner e André Luis Muniz Garcia. Tradução de Oswaldo Giacoia Jr. et al. Petrópolis: Vozes, 2013.

### Roberto S. Kahlmeyer-Mertens

---

Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), professor adjunto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Toledo, PR - Brasil, e-mail: kahlmeyermertens@gmail.com

Uma comunidade científica geralmente se compraz quando, no cenário de suas ideias e práticas, se torna acessível um novo título que vem colaborar com o esclarecimento de temas e a resolução de problemas de importância. Se verdadeira essa premissa, então a edição do livro em apreço deve ser motivo de contentamento da comunidade filosófica, especialmente àqueles que pesquisam o pensamento de Friedrich Nietzsche. Isso porque, o autor de *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche* recebe, por mérito de seus estudos sobre o filósofo, o crédito de intérprete eminente com projeção internacional.

Werner Stegmaier é professor catedrático de filosofia da Universidade de Greifswald e diretor editorial do *Nietzsche-Studium*, influente anuário que veicula a produção da sociedade *Nietzsche-Forschung*. Comentador da filosofia nietzschiana, Stegmaier, desde meados da década de 1980, ajuda a consolidar aquele que foi identificado como um novo surto de recepção do pensamento nietzschiano após a edição crítica das *Obras Completas* de Nietzsche (esta estabelecida, nos anos 70, por meio do escrupuloso trabalho

filológico de Giorgio Colli e Mazzino Montinari). Com o título aqui enfocado, o leitor de língua portuguesa (especialmente o brasileiro) poderá conferir, em compêndio, alguns dos mais importantes escritos do comentador situados entre 1985-2009, sendo a maioria deles inéditos para o português.

Intérprete cuja obra exerce longa e penetrante influência nos estudos de Nietzsche na Alemanha (ao lado de Günter Abel e Volker Gerhardt), a qualificação das interpretações de Stegmaier em parte se explica pelo fato de o autor não se limitar à mera exegese do texto de Nietzsche, propondo-se, na mesma medida, a um diálogo pregnante com este pensamento. Parte do saldo dessa conduta se faz sentir quando vemos o autor aproximar-se de conceitos-chave como o de “vontade de poder”, “eterno retorno”, “super-homem” e “nihilismo” e fazer leituras distintas daquelas encontradas nos veios dominantes no mundo anglo-saxão, francês e mesmo no germânico.

Podemos indicar que uma das diretrizes que dão parâmetro a essas apropriações diferenciadas é o especial crédito que Stegmaier dá aos fragmentos do espólio (*Nachgelassene Fragmente*). Para o autor, mais do que apenas anotações, também ali reside a autêntica filosofia de Nietzsche. Tal afirmação – ressalte-se – não significa que o autor adote exclusivamente esses apontamentos (isso seria supor que a obra publicada pelo próprio Nietzsche não teria importância podendo ser desconsiderada), antes, quer dizer que Stegmaier reconhece os *Nachgelassene Fragmente* como matéria útil à interpretação da obra editada, uma vez que nos dá pistas da maneira como Nietzsche não apenas concebeu quanto estruturou seus aforismos em obra. Essa chave de leitura (que contextualiza da obra de Nietzsche a seus fragmentos espólio) nos é apresentada plasticamente por Oswaldo Giacoia Jr. no seguinte trecho da irretocável introdução que assina no livro:

A contextualização permite, portanto, reunir e acomodar as peças que constituem o mosaico de uma ‘doutrina’ ou ensinamento de Nietzsche, um estuário para o qual confluem muitos afluentes principais e subsidiários, com suas montantes e vazantes, um tecido orgânico irrigado por artérias e veias, uma trama multifacetada, cujos fios componentes podem ser acompanhados e reconstruídos, em seus meandros, confluências e distanciamentos, pelo sendeiro que conduz dos aforismos à versão publicável daquele pensamento nos aforismos de diferentes obras (p. 27-28).

Após esses comentários, passa a nos ser lícita a afirmação de que são realmente apreciáveis as qualidades de Stegmaier enquanto comentador, pois seu trabalho bem se presta a elaborar um mapeamento e escrutínio dos conceitos e temas filosóficos no *corpus* da obra de Nietzsche, tarefa

que traz discernimento ao que de fato importa ao pensamento deste filósofo. Acrescente-se, entretanto, que nosso intérprete, apesar de hábil nesse exercício, não nutre uma lida exclusivamente analítica e intrínseca aos escritos de Nietzsche; interessa-se, também ele, pela confrontação e, mesmo, apropriação das interpretações e críticas contemporâneas de maior expressão como a de Heidegger, de Montinari e de Derrida. Muito do que aqui se diz, em parte endossando o que a excelente apresentação assinada pelos organizadores já traz, poderá ser conferido nos onze ensaios que compõem o livro. Alguns desses enfocamos na sequência.

Logo de início, “A nova determinação de Nietzsche da verdade” (p. 31-64) nos mostra como esta obra de 1985, originalmente publicada nos *Nietzsche-Studien*, já dá mostras do vigor das interpretações de seu autor. Ao fazer uma breve genealogia de como a determinação da verdade se daria metafisicamente; apresentar de modo claro os conceitos e diretrizes da determinação nietzschiana da verdade e, ao fim, apontar a nova determinação da verdade segundo Nietzsche, Stegmaier conclui que o filósofo alemão confere clareza ao que Nietzsche chamaria de “ato de verdade” ao tratá-lo desde a perspectiva fornecida pela superação da metafísica.

Outro texto digno de nota é: “A temporalização do pensamento em Nietzsche” (p. 116-135). Publicado em 1996, no periódico alemão *Ary semiotica*, tal ensaio contraria a expectativa que seu título cria de se tratar de um estudo inspirado na filosofia heideggeriana. Isso porque, autonomamente, nosso comentador perpassa várias obras e conceitos de Nietzsche (especialmente o de *vontade de poder*) para caracterizar aquilo que chama de temporalização e, quando recorre a alguma *autoritas* para tratar do seu objeto, vai a Aristóteles (é bem verdade: Heidegger e Derrida comparecem como interlocutores, mas não dão a tônica da investigação)

“Nietzsche segundo Heidegger” (p. 249-268) é o texto destinado aos que esperavam pela versão de Stegmaier sobre o diálogo entre esses dois filósofos (talvez adiada no escrito que anteriormente abordamos). Tendo vindo a público em 2005 no *Heidegger-Jahrbuch*, desde sua primeira recepção naquele anuário, já ficava patente que o que estava em jogo era mais do que apenas um estudo trivial sobre a leitura heideggeriana de Nietzsche. Nosso comentador (após examinar o que Heidegger chamaria, durante as décadas de 30-40, de “a necessidade do niilismo experienciado” e “a vida necessária segundo Nietzsche [*Lebensnöte*]”) apresenta abreviadamente aqueles que seriam *oito princípios para uma filosofia crítica da orientação*, a saber: 1) Princípio da crítica ou da suspensão crítica de todo o “conhecimento” e

todas as “avaliações”; 2) Princípio da orientação provisória; 3) Princípio da experiência das orientações; 4) Princípio do arranjo e simplificação conscientes; 5) Princípio da aceitação tácita da plausibilidade última ou de ficções necessárias para vida; 6) Princípio do “nihilismo ativo” ou da medida própria; 7) Princípio da regulação de uma orientação global e da experiência de novas eternidades; 8) Princípio do imperativo categórico pessoal. (Fica o convite ao leitor dessa resenha para conferir o detalhamento desses princípios e a meditar sobre a real utilidade de se estabelecer princípios ao pensamento filosófico contemporâneo e, em especial, ao de Nietzsche).

Também o ensaio “Depois de Montinari” nos dá o que pensar (p. 287-306). Destinado a esclarecer que expectativas Nietzsche cultivava frente a filologia, nosso intérprete nos mostra que o lugar destinado à filologia nessa filosofia é algo que transcende a posição meramente metódica (como teríamos em Schlegel, Schleiermacher e em Dilthey). Em caráter não apriorístico, a filologia de Nietzsche teria (segundo um Stegmaier apoiado em Montinari) o caráter de “antifilologia”, uma vez que, assim entendemos, confiaria em uma doutrina atemporal na filosofia de Nietzsche e contestaria o suposto dogma da ambivalência e da contradição nesse esmo pensamento. Mesmo sem a amplitude, sobretudo histórica, do livro Rafael Gutierrez Girardot sobre Nietzsche e a filologia clássica, o presente artigo da coletânea possui grande intensidade teórica e torna compreensível a nós o quanto a assim chamada filologia-Nietzsche constitui não apenas uma genealogia dos textos editados, mas também uma interminável retomada dos livros de aforismos.

Composto também por estudos que abordam o tema da arte e da cultura, *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche* é um trabalho que permite uma contextualização dos temas caros ao filósofo de Röcken e, como diz a apresentação dos organizadores, vem remediar a carência de textos em língua portuguesa de estudos de intérpretes alemães nas bibliografias brasileiras sobre Nietzsche. Tal carência – justiça seja feita – não pode ser, entretanto, considerada ausência absoluta, uma vez que livros inteiramente dedicados ao comentário dessa filosofia (como seria o caso dos de Wolfgang Müller-Lauter e Günter Figal) já podem ser encontrados em nossa língua.

Recebido: 31/01/2014

*Received:* 01/31/2014

Aprovado: 03/03/2014

*Approved:* 03/03/2014